

A ROMANTIZAÇÃO DA MATERNIDADE NAS REDES SOCIAIS: Impacto Psicológicos, Opressão de Gênero e Idealização

Carolina de Figueiredo Bonesso¹

Marcia Auriani²

Resumo

A propagação da maternidade romanceada nas mídias reproduz uma idealização da sociedade desse momento na vida da mulher. As cobranças e culpa atreladas a esta idealização podem gerar opressão, angústias e dores, causando sérias consequências em suas vidas. Este estudo, de caráter exploratório, pretende, por meio de revisão bibliográfica, compreender a influência dos conteúdos compartilhados e o comportamento dos usuários nas redes sociais como canal que alimenta a romantização da maternidade. As pressões culturais e sociais às quais as mulheres são submetidas existem há séculos e continuam sendo reverberadas e reproduzidas nas redes sociais, que podem ser um lugar de acolhimento, mas também um local de comparação, opressão e julgamento. A ideia de trazer esse tema para um artigo de conclusão de curso em pós-graduação é alimentar o diálogo sobre o feminismo e sua transversalidade, na tentativa de contribuir com a reflexão sobre o tema. A maternidade como instinto da mulher é um mito criado por diversos discursos que se repetem há séculos. As mulheres continuam buscando uma forma de ser mãe que as liberte das imposições culturais e sociais, e as fortaleça como mulher autônoma, livre e ativa no mundo. As redes sociais ainda que sejam um lugar de julgamento e que difundam a maternidade romântica imaginada são plataformas com um alcance enorme que nos permitem discutir injustiças e dar voz às desigualdades. É através do conhecimento da luta feminista contemporânea que as mulheres se conscientizam das injustiças vividas por elas, ainda que muitas não enxerguem como são invisibilizadas.

Palavras-chave: Maternidade. Redes Sociais. Comportamento. Opressão de Gênero. Feminismo.

¹ Pós-Graduada no Curso de Comunicação e Marketing Digital do Centro Universitário Belas Artes. Graduação: Rádio e Televisão, na Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

² Coordenadora e Professora da Pós-Graduação do Centro Universitário Belas Artes. Mestra em Engenharia de Produção com foco em Gestão do Design e Branding pela Universidade Paulista, Pós-Graduada em Administração de Marketing e Graduada em Administração de Empresas pela Fundação Álvares Penteado. Acumula os títulos de extensão internacional em Negócios na EOI (Madrid) e na Andrés Bello (Chile), Marketing Digital pela HSM Educação, Ensino Superior pela Laureate International Universities, Propaganda e Marketing pela ESPM e Design Management pela LBDI.

Abstract

The dissemination of romanticized motherhood in media reproduces an idealization that society has about this moment of a woman's life. The demands and guilty associated to such idealization can generate oppression, anguish, and suffering, causing serious consequences to women. Through a bibliographic review this exploratory study aims to understand the influence of shared content on social media and its impact on users' behavior as a platform that promotes motherhood romanticization. The cultural and social pressures to which women are subjected have existed along centuries and continue to be reverberated and reproduced on social media, a host place, but also a place of comparison, judgement, and oppression. The purpose of bringing this topic to a postgraduate conclusion paper is to enhance the dialogue about feminism and its transversality, in an attempt to contribute on its analysis. Motherhood as a woman's instinct is a myth created by different discourses repeated along the years. Women continue to seek a way of being a mother that emancipate them from cultural and social impositions, strengthening their autonomy in the world. Social networks, despite being a place of judgment that helps disseminate idealized romantic motherhood, due to its widespread can also be a place for discussions, enabling women to give voice to inequalities. Therefore, it is through contemporary feminist struggle that women become aware of the injustices they go through, even though many do not see how they are made invisible.

Keywords: Motherhood. Social Media. Behavior. Gender Oppression. Feminismo.

INTRODUÇÃO

A propagação da maternidade romanceada nas mídias reproduz uma idealização pela sociedade desse momento na vida da mulher. As cobranças e culpa atreladas a esta idealização podem gerar opressão, angústias e dores, causando sérias consequências em suas vidas. Este estudo, de caráter exploratório, pretende, por meio de revisão bibliográfica compreender a influência dos conteúdos compartilhados e o comportamento dos usuários nas redes sociais como canal que alimenta a romantização da maternidade.

As pressões culturais e sociais às quais as mulheres são submetidas existem há séculos e continuam sendo reverberadas e reproduzidas nas redes sociais, que podem ser um lugar de acolhimento, mas também um local de comparação, opressão e julgamento.

A ideia de trazer esse tema para um artigo de conclusão de curso em pós-graduação é alimentar o diálogo sobre o feminismo e sua transversalidade, na tentativa de contribuir com a reflexão sobre o tema. Tiburi (2018) destaca:

Não há nada mais importante na vida do que aprender a pensar, e não se aprende a pensar sem aprender a perguntar pelas condições e pelos contextos nos quais estão situados os nossos objetos de análise e de interesse. A crítica não é necessariamente a destruição daquilo que se quer conhecer. Ela pode ser uma desmontagem organizada que permite a reconstrução do objeto anteriormente desmontado. Ela pode ser também uma atenção especial que damos às coisas e ao nosso próprio modo de pensar, que vem melhorar o nosso olhar.

1. A ORIGEM DA INTERNET

É impossível falar de redes sociais sem resgatar a origem da Internet, que teve início há mais de 60 anos, enquanto os Estados Unidos e a União Soviética travavam conflitos político-ideológicos que polarizavam o mundo. Dentro deste cenário de disputa pela hegemonia mundial, ter o controle dos meios de comunicação e do avanço da tecnologia também fazia parte da agenda. Foi através dos recursos financeiros da área militar dos Estados Unidos, que a rede de computadores nasceu com o nome de ARPANET (DEMENTSHUK; 2019, p. 11).

Leonard Kleinrock, ao lado de Vinton Cerf, Robert Kahn e Larry Roberts foram os responsáveis pela semente que se transformou na rede global que é a Internet hoje (Fonte: <https://www.internethalloffame.org/inductees/leonard-kleinrock>).

De 1982 em diante a Internet que se iniciou no ambiente acadêmico expandiu e logo atingiu a sociedade como um todo, através da evolução da tecnologia em Informática e Comunicação e disseminação de computadores pessoais. (DEMENTSHUK, 2019, p. 12-13).

De acordo com o que complementa o autor:

A Internet não é mais um projeto acadêmico. No passado remoto, dois computadores conectados, distantes um do outro, transportaram com sucesso a letra “L” e a letra “O”. Em 2015, mais

de 3,2 bilhões de pessoas enviam e recebem pacotes de bytes; ou melhor, trocam conhecimentos, pesquisam, expressam sentimentos, articulam ações, organizam eventos, compram, vendem, enganam, roubam, gritam, vigiam ou são vigiadas (DEMENTSHUK, 2019, p. 19).

Os brasileiros acompanhavam as inovações; a indústria no Brasil crescia, abrindo espaço para as novidades eletrônicas que começavam a ser importadas. (DEMENTSHUK, 2019, p. 148).

Pesquisa da Brasil Escola (considerado como o maior portal de educação do país) indica que a Internet chegou ao Brasil em 1988, por iniciativa da comunidade acadêmica FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo); da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e da LNCC (Laboratório Nacional de Computação Científica). Entretanto, a exploração comercial da Internet só teve início em dezembro/1994, a partir de um projeto piloto da Embratel, com acesso à Internet disponibilizado através de linhas discadas (BRASILESCOLA.UOL.COM.BR).

Com a popularização da Web surgiram também novas plataformas, novos conteúdos e, principalmente, novos usuários, sem barreiras territoriais e originários dos mais diversos lugares e culturas. Com isso, outro tipo de comunicação começou a ganhar força: as redes sociais.

1.1 AS REDES SOCIAIS

Apesar de parecer um assunto novo, as redes sociais existem há pelo menos três mil anos, quando homens se sentavam ao redor de uma fogueira para conversar sobre assuntos de interesse em comum. O que mudou ao longo da história foi a abrangência e a difusão das redes sociais, conforme as tecnologias de comunicação interativas foram se desenvolvendo: escrita, correios, telégrafo, telefone, computador, telefone celular, etc. (GABRIEL, 2010, p. 193).

As interações sociais através do computador e celulares, e com o auxílio da internet, proporcionam a conectividade, a troca de conhecimento e de informações entre grupos com preferências em comum. Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos:

atores e suas conexões. Os atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) são os primeiros elementos da rede social, representados pelos nós (ou nodos), ou seja: são as pessoas envolvidas na rede que se analisa. Como partes do sistema, os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais.

Enquanto os atores representam os nós da rede em questão, as conexões podem ser percebidas de diversas maneiras. Em termos gerais, as conexões em uma rede social são constituídas das interações ou dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores (RECUERO, 2009, p 24-30).

São muitas as plataformas que permitem diferentes tipos de interação. Em 2004, considerado o ano das redes sociais, foram criados o Flickr, o Orkut e o Facebook, sendo esta última, uma das redes sociais mais populares do mundo. A difusão das redes sociais digitais online fomentou ainda mais o cenário fragmentado e complexo da comunicação, pois nesses contextos as pessoas conversam e trocam conteúdos de comunicação entre si, e não mais com as empresas, gerando um novo tipo de conteúdo (GABRIEL, 2010, p. 51).

O Facebook, criado por Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, alunos da Universidade de Harvard, é uma rede social que desde o início tem o objetivo de configurar um espaço no qual as pessoas possam encontrar umas às outras, dividindo opiniões e fotografias. No começo, a rede virtual era limitada ao corpo estudantil da Universidade de Harvard; aos poucos, porém, ela foi estendida ao Instituto de Tecnologia de Massachusetts, à Universidade de Boston, ao Boston College, incluindo também alunos de Stanford, Columbia e Yale. Nesta época era conhecido como thefacebook.co (Fonte: <https://www.mlabs.com.br/blog/facebook>).

O Youtube, criado em fevereiro de 2005, por Chad Hurley e Steve Chen, surgiu a partir da necessidade de compartilhar vídeos que fossem grandes demais para serem enviados por e-mail (BRASILESCOLA.UOL.COM.BR). A plataforma permite que qualquer pessoa, compartilhe e assista vídeos de qualquer lugar do mundo. Já o Instagram, que é uma rede social mais visual que o Facebook, por exemplo, permite que usuários compartilhem fotos e vídeos com poucos caracteres disponíveis para texto, e que interajam, através de curtidas e comentários.

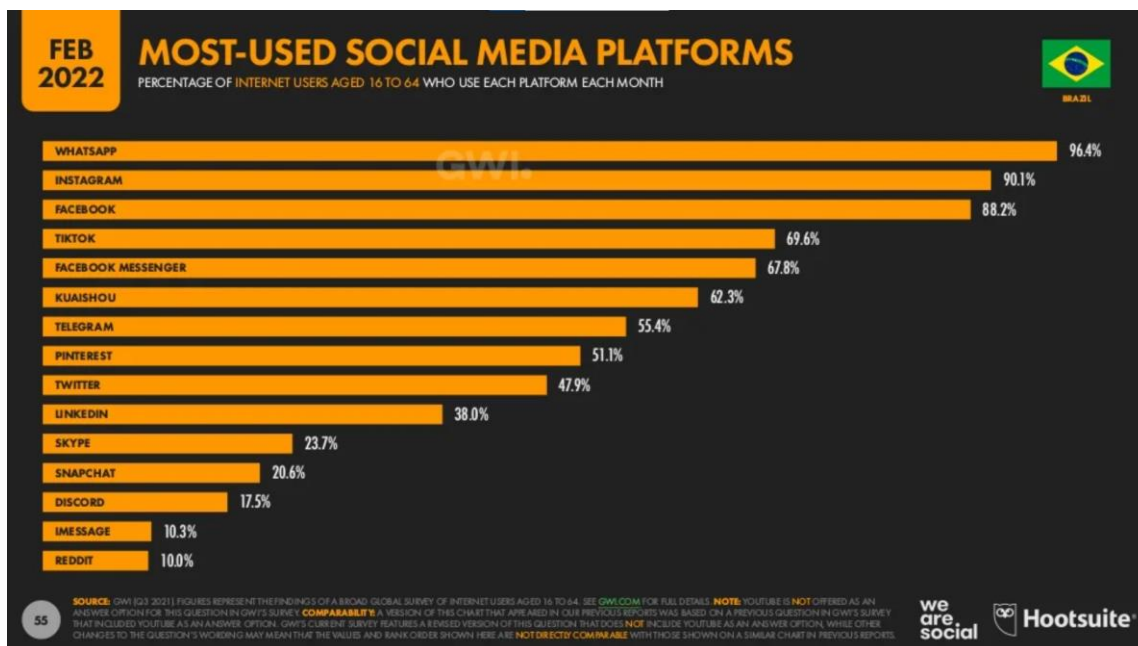
O Twitter, fundado em março de 2006 por Jack Dorsey, Evan Williams e Biz Stone, nos Estados Unidos, oferece aos usuários um espaço para conversação e compartilhamento de conteúdo escritos, fotografias e vídeos (Fonte: <https://canaltech.com.br/empresa/twitter>). Além disso, uma das principais ferramentas do Twitter, os Trending Topics, disponibiliza aos usuários os assuntos mais falados do mundo no momento (CANALTECH.COM.BR).

O Instagram foi lançado em 2010 pelo norte-americano Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger, ambos engenheiros de software. No mesmo dia do lançamento, o aplicativo tornou-se o mais baixado na Apple Store. E, em dezembro do mesmo ano, contava com a impressionante marca de 1 milhão de usuários (Fonte: [ROCKCONTENT.COM/BR/](https://rockcontent.com/br/)).

Já o TikTok “抖音” (literalmente: som de vibração) é uma plataforma de publicação de vídeos fundada em 2012 por Zhang Yiming em Beijing, China. Inicialmente focada em vídeos curtos de comédia, entretenimento e pessoas fazendo *lipsync* (sincronia labial). Tornou-se mundialmente conhecida em 2017, quando passou a ter apps tanto para Android quanto para iOS, permitindo que os usuários criem pequenos vídeos musicais com duração de 3 a 15 segundos (CANALTECH.COM.BR).

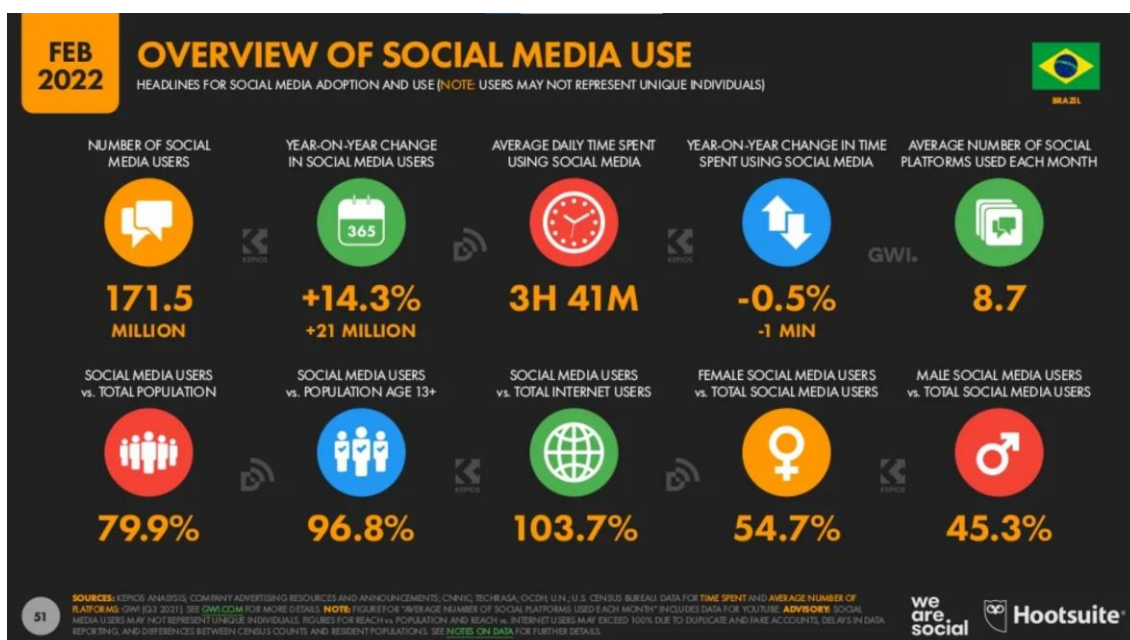
Acima estão listadas apenas algumas das mais diversas plataformas sociais que existem. Na imagem abaixo, podemos ver outras, bem como, as redes sociais mais utilizadas pelos brasileiros e o tempo médio gasto nelas, de acordo com dados analisados em fevereiro de 2022 pelo DataReportal, que disponibiliza milhares de relatórios sobre o comportamento dos usuários da internet (DATAREPORTAL.COM).

Figura 1: Ranking das Redes Sociais mais utilizadas



Fonte: BRAZIL REPORT, 2022 (<https://datareportal.com/reports/digital-2022-brazil>)

Figura 2: Visão Geral do Uso das Redes Sociais



Fonte: BRAZIL REPORT, 2022: (<https://datareportal.com/reports/digital-2022-brazil>)

O excesso de tempo gasto no universo virtual resulta em uma overdose de interatividade digital. As redes sociais, de fato, têm o poder de transformar o comportamento de nossa

sociedade, e as informações compartilhadas por qualquer usuário em qualquer lugar do mundo podem tanto ajudar como influenciar de forma negativa a vida das pessoas que absorvem tanto conteúdo, muitas vezes divulgados sem um entendimento da responsabilidade emocional e social que a publicação deveria carregar junto.

2 O IMPACTO DAS REDES SOCIAIS NO COMPORTAMENTO DOS USUÁRIOS

Existem muitos fatores positivos na utilização das redes sociais, dentre eles, podemos citar o reencontro de pessoas, a possibilidade de expressão, a troca rápida e fácil de informações, a atualização em tempo real do que acontece em qualquer lugar do mundo, a sociabilização, a descoberta de algo novo, a absorção de conhecimento, entre outros.

A pesquisa #STATUSOFMIND, criada e organizada pela RSPH (Royal Society for Public Health), pontua alguns benefícios que as redes sociais podem proporcionar: 1) Acesso a experiências de saúde de outras pessoas e especialistas em saúde; 2) Apoio emocional e construção de comunidade; 3) Autoexpressão e autoidentidade; 4) Criar, manter e construir relacionamentos. São muitos os aspectos positivos da comunicação virtual. Entretanto, o uso excessivo ou sem ponderação da internet, juntamente com as redes sociais, pode trazer resultados negativos e influenciar o comportamento de cada indivíduo consigo mesmo, além de suas relações sociais e com o ambiente que o cerca. De acordo com Maria Augusta Ribeiro, especialista em comportamento digital e netnografia, a recompensa que recebemos ao usar a tecnologia estão afetando nossa capacidade de autorregulação e muitos têm experimentado os efeitos nocivos do chamado *tecnoestresse*: um problema provocado por qualquer tipo de estímulo tecnológico, ou seja, quando um indivíduo se depara com estímulos tecnológicos reage de forma estressada por causa das adaptações que devem ocorrer dentro de si para aceitar tais tecnologias (Fonte: BRASIL ESCOLA, 2022). A pressão por estar disponível 24/7 está causando um impacto severo em nossa saúde física, mental e emocional. Estamos tão super estimulados digitalmente que desenvolvemos a ideia de que se desconectar parece impossível. O uso desmedido das redes sociais tem gerado dependência, e afetado as relações sociais, causando consequências à saúde mental dos indivíduos. *Tecnoestresse*: é hora de fazer logoff, opina a especialista Maria Augusta Ribeiro (Fonte: BELICOSA.COM.BR, 2022).

Sueli Fragoso (2019) diz que todas as tecnologias de que dispomos, as de comunicação digital inclusive, são produtos de nossas próprias intenções e propósitos. Por outro, os modos como nos apropriamos delas, os usos que fazemos, reinventam constantemente suas características.

2.1 ROMANTIZAÇÃO DA MATERNIDADE NO MUNDO DIGITAL

As redes sociais proporcionam interações e conectividade entre grupos sociais por serem um canal de construção, compartilhamento de conhecimento e de difusão de ideias, e assim, fazem do espaço digital um lugar de aprendizagem. Ao mesmo tempo, essas informações podem se modificar entre a intenção da mensagem de quem a pública e a interpretação de quem a lê.

Milena Freire, pesquisadora no campo da Comunicação, coordenadora no Grupo de Pesquisa Comunicação, Gênero e Desigualdades (CNPq/UFSM) e docente do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), afirma que desde a última década, nos vemos performando ou construindo uma parte importante da nossa sociabilidade a partir das redes sociais digitais. A maternidade, nesse caso, também está bastante implicada no processo, na medida em que se sugere, ou se exige das mães, que compartilhem essa experiência majoritariamente de modo positivo (Fonte: UFSM, 2022).

Quando falamos em maternidade muitas coisas vem à mente, a maioria delas são pensamentos automáticos que nos foram impostos pela sociedade, pela cultura e principalmente pelos exemplos e histórias que nos cercam, como se fosse algo intrínseco ao fato de se ter nascido mulher. Segundo Azevedo e Arrais (2006) compreendemos que meninas são ensinadas a cumprir o papel de boa mãe desde a infância, se submetendo sempre à imagem de ser amável, equilibrada, acolhedora e feminina, projetando em si, através do olhar dos outros, a imagem idealizada de mulher perfeita, um retrato limitado e romantizado do que significa ser mulher.

Para conseguir debater sobre a romantização da maternidade é preciso, primeiro, compreender o significado de romantizar, que basicamente é o ato de viver uma experiência

idealizada, fantasiosa, mistificada e não como ela de fato é, sem considerar as emoções, sentimentos, realidade e particularidades de quem vive essa experiência. É um olhar ilusório criado a partir do interesse e da subjetividade de alguém.

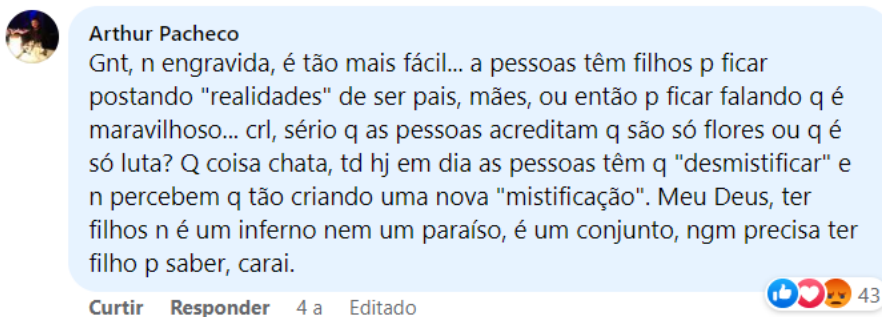
Diante disso, é possível perceber que os ideais criados em torno da mulher-mãe são impostos culturalmente sem considerar as necessidades e vontades das mesmas, visto que não são iguais, pois sentem, querem e desejam coisas diferentes. E quando se exige que se comportem de uma mesma maneira, ou se enquadrem a um padrão de modelo ideal, se desrespeita a individualidade de cada mulher como sujeito antes mesmo de a enxergarem como mãe. Essas pressões culturais sob as quais as mulheres invariavelmente exercem a maternidade, associadas ao sentimento de incapacidade em adequar-se a uma visão romanceada desse estado, acabam por deixá-las ansiosas e culpadas (AZEVEDO; ARRAIS, 2006).

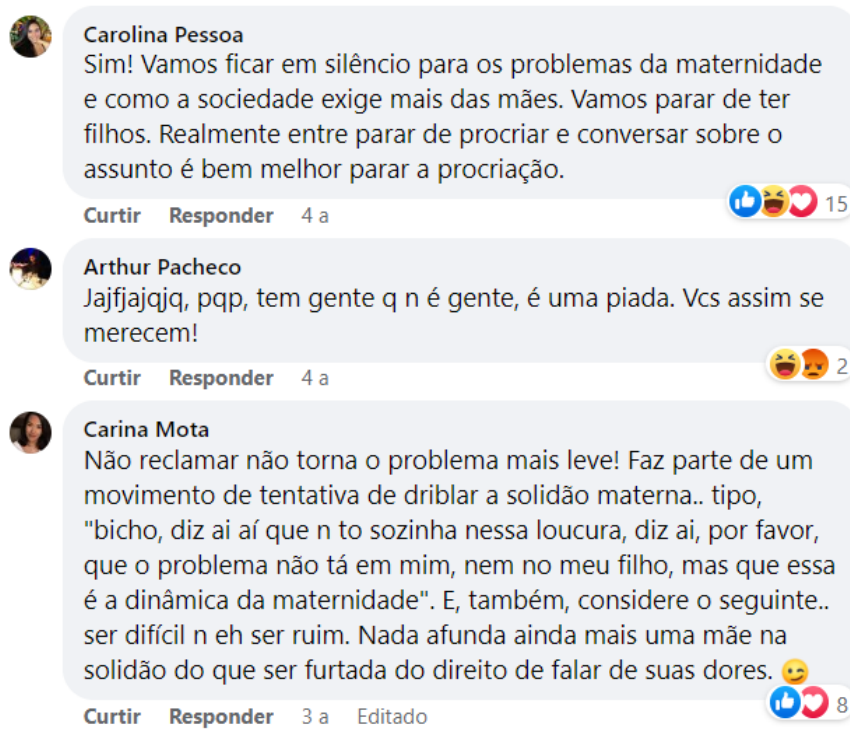
O estudo chamado “Mãe é mãe, né pai?": maternidade, trabalho e desigualdade em debate no facebook”, analisa os comentários de uma postagem no facebook, feita em 2018, pela fotógrafa e mãe de três filhos, Maria Dinat, apresentando cenas da rotina materna, a sobrecarga e desigualdade que enfrenta em seu cotidiano. A realidade compartilhada quebra a expectativa do que se espera falar sobre a maternidade nas redes sociais, que normalmente tende a retratar situações e momentos felizes. O conteúdo teve alta repercussão nas redes sociais com cerca de mais de 94 mil compartilhamentos da postagem no Facebook. Mas, se o que Maria Dinat exibe em seu post é parte do cotidiano da maioria das mulheres, por que este conteúdo causa tamanho impacto e gera tantas discussões ao ser posto em circulação na rede? (OLIVEIRA et al, 2021, p. 2). Muitas mulheres concordam e se identificam com a postagem, mas ainda assim a polarização divide os internautas em grupos com posicionamentos bem distintos e a autora do post também é criticada e questionada por suas escolhas, conforme comentários postados que seguem abaixo:

Figura 3: Maria Dinat: cenas da rotina materna



Fonte: Página Caos e Amor no Facebook





Fonte: Página Caos e Amor no Facebook

2.2 OPRESSÃO DE GÊNERO E IDEALIZAÇÃO

Quando uso o conceito “mulher e mãe” relacionado a “gênero” implico tanto a dimensão do sexo biológico como a construção social de gênero, reconhecendo como mãe toda e qualquer pessoa que assim se reconheça. E ao associar gênero à opressão, quero retratar como a violência de gênero ainda é uma forma de tentar manter as mulheres invisíveis socialmente. Também entendo que a opressão assume nuances variadas conforme as desigualdades sociais, raciais e realidades vividas por essas mulheres sob o olhar da interseccionalidade

Ignácio (2022) explica:

O que é interseccionalidade? O termo interseccionalidade é um conceito sociológico preocupado com as interações e marcadores sociais nas vidas das minorias. Através dele é possível enxergar que em nossa sociedade existem vários sistemas de opressão – as de raça ou etnia, classe social, capacidade física, localização geográfica, entre outras-, que se relacionam entre si, se sobrepõem e demonstram que o racismo, o sexismo e as estruturas patriarcais são inseparáveis e tendem a discriminar e excluir indivíduos ou grupos de diferentes formas (POLITIZE.COM.BR).

Simone de Beauvoir (1949), argumenta no primeiro volume do seu ensaio *O Segundo Sexo*, dedicado aos estudos dos mitos sobre a mulher, que o mundo masculino se apropriou do positivo. O homem representa o que se entende por positivo e neutro, tanto que quando constituímos os seres humanos dizemos “os homens”. Em consequência a mulher foi identificada como o “outro”, o ponto negativo, limitando sua identidade pessoal e social. Em seu ensaio, a autora retrata a condição da mulher a partir das vivências da mulher na história. Na divisão primitiva do trabalho, enquanto o homem sai em busca de alimento, a mulher permanece no lar, mas executa tarefas domésticas produtivas e relevantes na vida econômica, reconhecendo a mulher como indivíduo. Com a evolução da sociedade e o surgimento do capitalismo surge também a derrota do sexo feminino: a mulher torna-se instrumento da perpetuação do nome do homem. Os filhos gerados são os herdeiros da propriedade e do legado do pai. É nesse momento que surge o modelo de sociedade patriarcal, onde a mulher e filha, mesmo sendo livres têm o destino determinado por outro e fadado ao casamento e à maternidade.

A MULHER? É muito simples, dizem os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la. Na boca do homem o epíteto "fêmea" soa como um insulto; no entanto, ele não se envergonha de sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulhoso se dele dizem: "É um macho!" O termo "fêmea" é pejorativo, não porque enraíze a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo. E se esse sexo parece ao homem desprezível e inimigo, mesmo nos bichos inocentes, é evidentemente por causa da inquieta hostilidade que a mulher suscita no homem; entretanto, ele quer encontrar na biologia uma justificação desse sentimento (BEAUVOIR, 1949, p. 25).

Trazendo o mesmo pensamento para tempos atuais, em entrevista para a Revista Arco, da UFSM/CNPq, Universidade Federal de Santa Maria, Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira Cruz, que atualmente coordena o Grupo de Pesquisa "Comunicação Gênero e Desigualdades naquela instituição, ressalta que a nossa sociedade machista e patriarcal, nos impõe uma maternidade que é compulsória. Nem sempre as mulheres escolhem ser mães, e os preceitos legais e religiosos não permitem interromper uma gravidez, portanto a maternidade não é uma escolha.

Porter e O'Reilly (2005, p. 02), em tradução livre da autora, explicam o seguinte:

Porque a capacidade reprodutiva das mulheres tem sido usada historicamente para defini-las e confiná-las, a maternidade era justamente vista como fonte primordial de opressão (Badinter; Firestone). Uma vez que as mulheres se tornaram mães e aceitaram a responsabilidade de dar à luz e criar filhos, elas se tornaram vulneráveis.

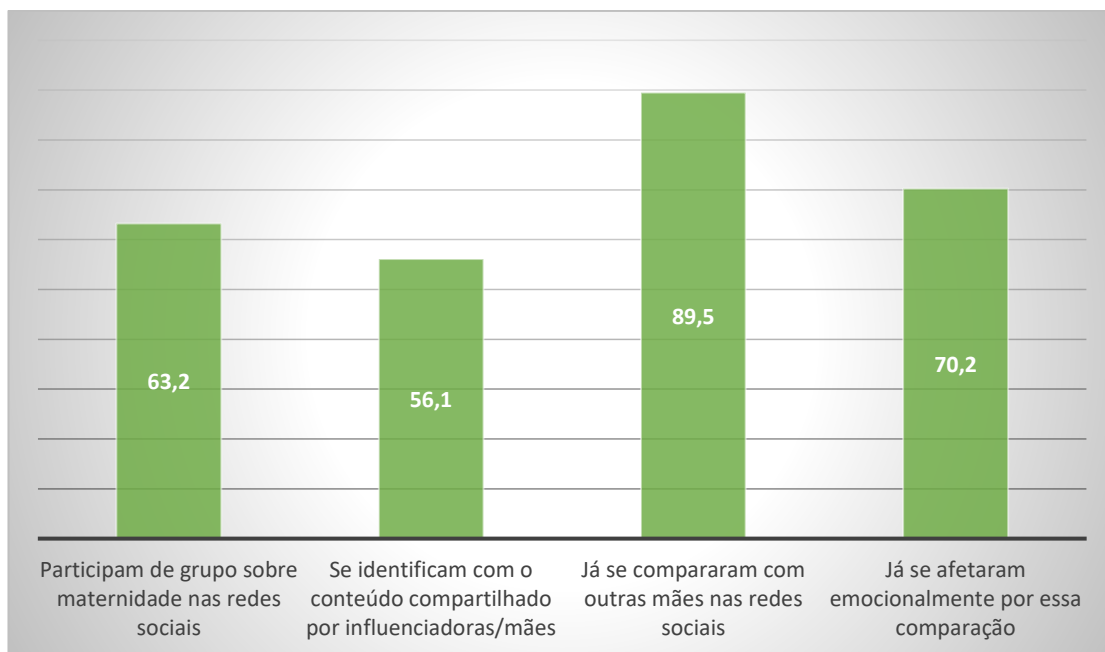
Segundo Biroli (2016, p. 721):

A divisão sexual do trabalho é uma base fundamental sobre a qual se assentam hierarquias de gênero nas sociedades contemporâneas, ativando restrições e desvantagens que produzem uma posição desigual para as mulheres.

2.3 PERCEPÇÃO DAS MULHERES EM RELAÇÃO ÀS REDES SOCIAIS E À MATERNIDADE

Quando decidi falar sobre maternidade e redes sociais, percebi que pouco via minha rede de colegas e amigas, que são ou que pretendem ser mães, falando ou comentando sobre a realidade e dificuldades do “maternar”. Com isso, fiz uma pesquisa exploratória (figura 4 abaixo) para complementar e ampliar a compreensão do meu estudo. Das 57 mulheres que responderam, 61,4% têm entre 25 e 34 anos, 87,7% são mães e 8,8% pretendem e gostariam de ser. Veja no gráfico abaixo outros dados coletados:

Figura 4: Pesquisa exploratória para complementar e ampliar compreensão



Fonte: A Autora (2022)

Quando pergunto se participam de algum grupo sobre maternidade nas redes sociais, 63,2% diz que sim e entre elas, as redes mais utilizadas são o Instagram, Whatsapp e Facebook. Também quis analisar se as mulheres respondentes seguem e acompanham influenciadoras que são mães e se elas se identificam com o conteúdo compartilhado. 56,1% selecionaram a opção “sim, absorvo conteúdo de influenciadoras que estão próximas da minha realidade” e 17,5% “não, não me identifico”, as outras 26,4% selecionaram a opção “outros” e entre as opiniões que compartilharam podemos destacar as seguintes: (1) *Me identifico, porém, consigo separar o que é a fração da realidade que ela expõe em relação à minha realidade;* (2) *Filtro muito o que vejo e tento mesclar com a minha realidade e com a minha intuição;* (3) *Elas passam por coisas semelhantes mas têm uma estrutura financeira bem diferente da minha. Têm babá e outro recursos que não consigo ter. Algumas coisas, uso para informações e dicas no geral, mas a realidade geralmente é outra;* (4) *Não busco essa identificação e acredito que justamente essa busca seja o problema. Não vejo romantização da maternidade, vejo a maternidade como produto nas redes, o que cria comparação, o que é um problema central nas redes sociais. Mas sobre maternidade vejo muito mais reclamação e apontamento do que romantização;* (5) *Pego o que acho útil, o que não acho desconsidero;* (6) *Absorvo o que cabe na minha realidade;* (7) *Algumas sim, outras estão bem distantes da maternidade real.*

Para encerrar a pesquisa, questiono se as respondentes sentem que as redes sociais (e os conteúdos compartilhados por pessoas, empresas ou marcas) dão uma representação precisa da maternidade real e 80,7% sentem que não. Com esses dados coletados podemos perceber a importância de manter o diálogo sobre maternidade aberto e compassivo, a fim de refletir sobre como a maternidade é reconhecida nas redes sociais enquanto uma instituição que oprime, julga e anula mulheres e mães.

2.4 IMPACTOS PSICOLÓGICOS

Diante de tudo o que já foi exposto neste artigo, percebemos que os ideais criados em torno das funções da mulher e da mãe foram impostos sem considerar as necessidades e vontades das mulheres. Esse alicerce sobre a maternidade romanceada e as pressões culturais às quais as mulheres são submetidas ao longo dos últimos séculos, juntamente com o sentimento de incapacidade em adaptar-se a essa visão, o que as deixa ansiosas e culpadas, podem então ser o fator preponderante de um sofrimento psíquico por parte dessas mães, servindo assim como base para o surgimento da depressão pós-parto (AZEVEDO; ARRAIS, 2006).

Impor o instinto materno como algo único e onipresente fere a individualidade e a jornada de aprendizagem de cada mulher como mãe que ao ser pressionada a se enquadrar em um modelo ideal se sente culpada e julgada por não o atender.

Andrade (2015, p. 21) entende que esta culpa e insatisfação das mulheres seriam “sentimentos que emergiam tanto por abandonarem o filho para poderem trabalhar, quanto por perderem espaço no mercado de trabalho, dedicando-se à criação do filho”.

Toda essa romantização da maternidade pode provocar consequências na vida da mulher, principalmente ao ser reforçada diariamente, sem filtro e floreada nas redes sociais. Absorver realidades diferentes das suas próprias e com um viés de que o “maternar” está constituído somente por experiências positivas, pode despertar sentimentos de angústia e frustração, provocando distúrbios depressivos. Carregar a pressão do legado de ser a responsável pelo desenvolvimento emocional, intelectual, físico e espiritual de uma criança é a receita para a sensação de ter “falhado miseravelmente”.

Porter e O'Reilly (2005, p. 02), em tradução livre da autora, defendem que:

Esse legado continua até hoje, pois as mães são vistas como os principais agentes no desenvolvimento de seus filhos, bem como os principais obstáculos (Thurer). Assim, as mães estão sob considerável pressão para serem “boas” mães (Contra o; Croghan e Miell) e aquelas que acreditam não estar correspondendo a essas expectativas podem experimentar sentimentos de inadequação e culpa (Bernard; Thurer). O discurso dominante também retrata as mães como sacrificiais e totalmente amorosas, um retrato que carrega consigo a expectativa de que as mães serão seres doadores, altruístas. Além disso, Thurer sugere que desde a idealização da Virgem Maria, espera-se que as mães sejam santas e sacrifiquem suas necessidades por seus filhos. Por implicação, esta mensagem sugere que, se as mães renunciarem às suas necessidades pessoais, elas poderão criar filhos saudáveis e bem ajustados.

3 CONSTRUINDO UM AMBIENTE DIGITAL COM RESPONSABILIDADE EMOCIONAL

Nesse caminho de novas e infinitas descobertas que as redes sociais proporcionam, como podemos construir um ambiente digital que acolhe e que respeita as diferentes formas de viver, que apoia a maternidade diversa onde as mães são respeitadas por suas escolhas e protagonistas de suas trajetórias?

Uma nova plataforma está modificando o clima do ambiente digital. A Quilt, lançada em 2017 como um canal para facilitar as reuniões presenciais em casas nos Estados Unidos, mas que precisou se ajustar devido a pandemia de Covid-19 e o distanciamento social. Relançado em janeiro de 2021, como um canal de áudio, o número de usuários vem dobrando a cada mês (Fonte: BUSTLE.COM, 2021). De acordo com Sumner, uma das criadoras da plataforma, “fomos muito intencionais ao dizer que este é um espaço usado para conversas orientadas ao autocuidado – como espiritualidade, saúde mental, propósito, relacionamentos e desenvolvimento pessoal. No site do aplicativo as frases utilizadas para descrever a plataforma são: “O aplicativo social onde chorar é legal. Rir tanto até chorar conta também. Estamos aqui para todos os sentimentos. Sem julgamento, sem filtros, sem idiotas”.

A plataforma ainda não está disponível no Brasil, mas podemos ver na loja de aplicativos, Apple Store, que com mais de 1 mil avaliações o aplicativo tem nota 4.8 de 5 e um dos depoimentos diz o seguinte:

É como ter uma rede de apoio no bolso. Ouvi falar sobre Quilt pela primeira vez de uma amiga minha que o apresentou dizendo: “É como um TedTalk com terapia” e ela estava certa - mas o que eu não esperava era a comunidade na qual eu entraria. As conversas são informativas, relacionáveis e de apoio - alguns dias eu só quero ouvir e alguns dias eu quero falar - ambos os dias são enriquecedores e gratificantes. A comunidade é composta por pessoas de todas as diferentes identidades de gênero, origens e culturas - mas quando você está no aplicativo, é um equalizador total e você sente que é tudo igual. Eu me diverti muito e me inspirei diariamente - e não consigo imaginar como teria passado 2020 sem essa arma secreta. Meu conselho para você: se uma de suas resoluções de ano novo for priorizar o autocuidado: comece baixando este aplicativo.

Pesquisando sobre como essa plataforma funciona encontrei uma matéria que discorre sobre o trauma do trabalho de parto de uma das chefes de comunidade do Quilt, onde ela compartilha sua experiência e como conseguiu se expressar livremente na rede de apoio que ela mesma ajudou a formar.

Cocozza (2022) argumenta:

Acredito que todo parto é natural. Todo nascimento é válido. É confuso, único, doloroso e heroico. As falhas desse milagre são o tecido que nos une como humanos. Uma metáfora para a vida: compartilhar a dor e a luta crua, honesta e vulnerável é como realmente nos conectamos, crescemos e apreciamos a beleza de evoluir para novas versões de nós mesmos. Acredito firmemente que essa jornada não precisa ser enjaulada e editada para validação de outras pessoas. Vejo um mundo onde podemos celebrar sem vergonha ou julgamento em um espaço que honre a realidade e a complexidade de todos os nossos traumas.

Plataformas como Quilt oferecem um espaço de acolhimento, de troca e de respeito, seria esse o novo caminho para as redes sociais como comunidade que quebra tabus, garante espaço para as individualidades e contribui com a evolução da sociedade e da equidade de gênero?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto mais damos visibilidade, mais as mulheres se veem identificadas, mesmo que não se sintam confortáveis em falar sobre como se sentem nas redes sociais em relação à maternidade. De alguma forma, elas sabem que, ao expor uma crítica, terão que enfrentar a opressão da maternidade patriarcal. O que pude reconhecer em tudo que absorvi durante a construção desse estudo é que a maternidade como instinto da mulher é um mito criado por diversos discursos que se repetem há séculos. As mulheres continuam buscando uma forma de ser mãe que as liberte das imposições culturais e sociais, e as fortaleça como mulher autônoma, livre e ativa no mundo. As redes sociais ainda que sejam um lugar de julgamento e que difundam a maternidade romântica imaginada são plataformas com um alcance enorme que nos permite discutir injustiças e dar voz às desigualdades. Estamos caminhando em direção à quebra da normatização da maternidade idealizada que ainda é imposta à mulher pela sociedade e que causa culpa. E precisamos olhar para ela em toda sua dimensão política e coletiva. Forçar a mulher a assumir um papel e uma responsabilidade que não lhes pertence as anula, provoca dor e traz consigo consequências emocionais. Para tanto, precisamos falar sobre isso, e é através do conhecimento da luta feminista contemporânea que as mulheres se conscientizam das injustiças vividas por elas, ainda que muitas não enxerguem como são invisibilizadas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Adriana. **Instagram: Saiba tudo sobre esta rede social!** Disponível em: <<https://rockcontent.com/br/blog/instagram>>. Acesso em 22 jun. 2022.

ANDRADE, Celana Cardoso. **Maternidade e trabalho na perspectiva de mulheres e seus companheiros: um estudo empírico fenomenológico.** Disponível em: [https://www.academia.edu/es/59946348/Maternidade e trabalho na perspectiva de mulheres e seus companheiros um estudo emp%C3%ADrico fenomenol%C3%B3gico](https://www.academia.edu/es/59946348/Maternidade_e_trabalho_na_perspectiva_de_mulheres_e_seus_companheiros_um_estudo_emp%C3%ADrico_fenomenol%C3%B3gico). Acesso em: 20 jun. 2022.

AZEVEDO, K.; ARRAIS, A. **O Mito da Mãe Exclusiva e seu Impacto na Depressão Pós-Parto.** 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/GS9STNVGFxTFh3qTFZJYv4Q/>. Acesso em: 20 jun. 2022.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: 1. Fatos e Mitos**, 1970. Disponível em: <https://materialfeminista.milharal.org/files/2012/08/O-Segundo-Sexo-vol1-Fatos-e-Mitos-Simone-de-Beauvoir1.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2022.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

BRASILESCOLA.UOL.COM.BR. **Internet no Brasil**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/informatica/internet-no-brasil.htm>. Acesso em: 20 jun. 2022.

CANALTECH.COM.BR. TikTok "抖音 (literalmente: "som de vibração"). Disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/tiktok/>. Acesso em 22 jun. 2022.

CANALTECH.COM.BR. **Twitter What's happening?**. Disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/twitter/>. Acesso em 22 jun. 2022.

COCOZZA, Holly. **The Trauma of Childbirth** - Holly Coccozza on how this "magical experience" doesn't always go as planned, and how we can be better for it. Disponível em: <https://babe.hatchcollection.com/the-trauma-of-childbirth/>. Acesso em: 18 jun. 2022.

DANTAS, Gabriela Cabral da Silva. Tecnoestresse. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/informatica/tecnoestresse.htm>. Acesso em: 23 jun. 2022.

DANTAS, Tiago. Youtube. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/informatica/youtube.htm>. Acesso em: 22 jun. 2022.

DATAREPORT.COM.BR. **DIGITAL 2022: BRAZIL REPORT**. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2022-brazil>. Acesso em: 20 jun. 2022.

GABRIEL, Martha. **Marketing na era digital: Conceitos, plataformas e estratégias**, 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

IGNACIO, Júlia. **O que é interseccionalidade?**. Disponível em: <https://www.politize.com.br/interseccionalidade-o-que-e/>. Acesso em: 18 jun. 2022.

KLEINROCK, Leonard. **Internet Hall of Fame Pioneer**. Disponível em: <Internet Hall of Fame: <https://www.internethalloffame.org/inductees/leonard-kleinrock>>. Acesso em: 18 jun. 2022.

MLABS.COM.BR. **Tudo sobre Facebook: o guia completo da rede social mais popular do mundo**. Disponível em: <https://www.mlabs.com.br/blog/facebook>. Acesso em 22 jun. 2022.

OLIVEIRA-CRUZ, Milena, FREITAS, M, e SEVERO, I. 2021. "MÃE É MÃE, NÉ PAI?": Maternidade, trabalho e desigualdade em debate no facebook. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/354187224_Mae_e_mae_ne_pai_maternidade_trabalho_e_desigualdade_em_debate_no_Facebook>. Acesso em: 18 jun. 2022.

OLIVEIRA-CRUZ, Milena. MENDONÇA, Maria Collier. **Maternidade nas Mídias**. Santa Maria/RS: FACOS-UFSM, 2021.

OLIVEIRA-CRUZ, Milena; FREITAS, Maria Collier; SEVERO, Isadora. 2021. “**Mãe é mãe, né pai?**”: **maternidade, trabalho e desigualdade em debate no facebook**. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/354187224>>. Acesso em 18 jun. 2022.

PORTER, Marie.; SHORT, Patricia.; O'REILLY, Andrea. **Motherhood: power and oppression. Women's** Porto Alegre: Press Editora, 2005.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Sorocaba, São Paulo: Meridional, 2009.

RIBEIRO, Maria Augusta. **Tecnoestresse: é hora de fazer logoff**. Disponível em: <https://belicosa.com.br/tecnoestresse-e-hora-de-fazer-logoff/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

UFSM.BR. **Maternidade nas mídias: entre a crítica, a romantização e a pressão social**. Revista Arco. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/maternidade-nas-midias-entre-a-critica-a-romantizacao-e-a-pressao-social/>> Acesso em: 18 jun. 2022.

WOBETO, Samara. **Maternidade nas mídias: entre a crítica, a romantização e a pressão social**. Disponível em: <https://ufsm.br/r-601-9226>. Acesso em: 18 jun. 2022.

WYLDE, Kaitlyn. **This New Audio App Is Clubhouse Meets Bumble BFF** (2021). Disponível em: <https://www.bustle.com/life/how-to-use-quilt-app>>. Acesso em: 20 jun. 2022.